

MACUNAÍMA E A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA NO IMAGINÁRIO GAÚCHO: UM OLHAR DA FILOSOFIA DA DIFERENÇA

GUSTAVO WARKEN BORGES¹; ARTHUR RIGHI CENCI²; JOSÉ RICARDO
KREUTZ³

¹Universidade Federal de Pelotas – gugawborges@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – arthur.righicenci@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – jrkreutz@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente resumo é parte de uma pesquisa realizada pelo grupo TELÚRICA (Territórios de Experimentação em Limiares Urbanos e Rurais: In(ter)venções em Coexistências Autorais), que pretende abordar movimentos aberrantes a partir de histórias esquecidas, que divergem dos modos de subjetivação pertencentes a um modelo de sociedade hegemônico. A partir da pesquisa: Histórias Campesinas como movimentos aberrantes: um estudo sobre a vida e o cotidiano dos camponeses no Brasil, o grupo relaciona essas histórias com a filosofia da diferença, evocando Lapoujade, Deleuze, Guattari e Rolnik. É uma fase inicial da pesquisa onde entendemos que o movimento aberrante colonial nos dá um primeiro indício dos excluídos da terra dos dias de hoje. A ideia é que em fases posteriores da pesquisa, possamos investigar o período da imigração/branqueamento e também os movimentos sem terra contemporâneos.

Na perspectiva do conceito, LAPOUJADE (2015) discorre sobre os movimentos aberrantes justamente enquanto subjetivações, devires, formas de existência ou práticas que habitam um limiar dentro do modelo identitário, porque, ao mesmo tempo em que existem em um mundo regido por este modelo, não se enquadram, não se apropriam dele. Assim, Lapoujade os descreve enquanto movimentos aberrantes: desvios, anomalias ou exceções em relação à ordem vigente.

Assim, encontra-se Macunaíma enquanto movimento aberrante representado por um personagem nacional. Mas pode-se pensar em inúmeros personagens semelhantes que expressassem o Rio Grande do Sul tanto em inúmeras obras regionalistas ou ficções inspiradas na cultura gauchesca. O interesse de dialogar essas duas naturezas literárias é de cunho didático, tendo sido um exercício proposto pelo professor da disciplina de Psicologia Social do curso de Psicologia da Universidade Federal de Pelotas. A análise da obra Macunaíma possibilitou aos alunos a apropriação da inspiração do Mário de Andrade para o entendimento do processo de subjetivação como influenciado por uma identidade hegemônica, seja nacional ou regional.

Portanto, este artigo tem como objetivo tecer relações entre Macunaíma e a filosofia da diferença, assim como extrapolar a experiência do personagem aberrante para o universo gaúcho. Pretende-se dialogar duas perspectivas diferentes: por um lado, uma exposição de identidades culturais cujas representações são reducionistas do ser, ao impor limites à singularidade e impedir a diferenciação dos sujeitos a nível molecular, produzindo uma hegemonia de sentidos localizada. Por outro lado, encontram-se os movimentos aberrantes, que existem nos limiares dessa hegemonia.

2. METODOLOGIA

A escrita do presente trabalho se deu a partir de uma análise filosófica do livro *Macunaíma*, de Mário de Andrade, a partir da filosofia da diferença, que já era interesse de pesquisa do grupo escritor. Buscou-se dialogar autores referência para o grupo, como o Lapoujade, que norteia a pesquisa em andamento, com a figura complexa que *Macunaíma* nos apresenta em conjunto de autores que produziram trabalhos de análise literária sobre as obras supracitadas.

Por conta disso, o método utilizado para a investigação foi uma revisão narrativa de literatura, buscando possíveis intersecções e diálogos sobre identidade, *macunaíma*, filosofia da diferença e obras do movimento regionalista sul rio-grandense. Para a resposta do principal disparador desse segmento da pesquisa: qual a influência da literatura para a construção do imaginário do gaúcho com relação de posse com a terra, branco, trajado principalmente da clássica pilcha, de que maneira essa constituição identitária exclui outras possibilidades, marginalizando e forçando-as a emergir como um movimento aberrante que enfraquece a ideia dominante, ao ponto que apresenta-se como uma nova via crítica a referência orquestrada pela identidade gaúcha.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os principais resultados encontram-se até o momento na aplicação dos conceitos teóricos estudados para esta pesquisa como uma possibilidade de resposta ao problema camponês nessa primeira fase colonial. Portanto, o território no qual estas ferramentas foram testadas foi o da obra modernista do autor Mário de Andrade denominada de *Macunaíma*.

O livro em questão, apresenta-se pelas palavras de um narrador desconhecido que conta a história de vida e transformação do herói, desde o seu nascimento dentro da Mata Virgem até a sua morte no mesmo local. Durante toda essa existência, esse personagem se reinventa por meio das dificuldades que precisa enfrentar e do contato com os outros, sejam estes outros, outras culturas, pessoas, vivências e demais objetos que compõem o ambiente que o rodeia, superando e sendo marcado na pele por meio de metamorfoses. Como salienta MARTINS (2006), o caráter metamórfico do personagem e a desorientação na descrição geográfica, dentro da narrativa, exemplificam uma tentativa de reformulação da identidade brasileira da época, em outra, mais flexível e plural ou como explicita MELO (2010) marcada pela transculturação entre culturas brasileiras e uma espécie de antropofagia oswaldiana. Sobre a ideia de identidade, como analisada por Rolnik, *“a identidade é aquilo que faz passar a singularidade de diferentes maneiras de existir por um só e mesmo quadro de referência identificável”* (ROLNIK, 1986, p. 68-69). De maneira análoga é como se o potencial completo de uma maneira de relacionar-se com o mundo e com os outros, fosse obrigado a passar pelo buraco de uma agulha (a da identificação), em qualquer nível representacional (seja ele, mais flexível ou não) perde-se algo referente a produção de singularidade. Nos parece que *Macunaíma* rompe com essa ideia de uma identidade representacional ao possibilitar uma coexistência com a diferença do movimento aberrante apresentado nesta pesquisa.

O que nos interessa no momento é observar esse mesmo fenômeno de produção por meio da literatura em obras regionalistas no Rio Grande do Sul. Num primeiro indício dessa abertura para pesquisar, pode ser observado no trecho a seguir que o personagem Blau Nunes, narrador dos Contos Gauchescos

de João Simões Lopes Neto, é descrito com as características esperadas na identidade do gaúcho, produzindo esta como um construto literário de referência:

Genuíno tipo — crioulo — rio-grandense (hoje tão modificado), era Blau o guasca sadio, a um tempo leal e ingênuo, impulsivo na alegria e na temeridade, precavido, perspicaz, sóbrio e infatigável; e dotado de uma memória de rara nitidez brilhando através de imaginosa e encantadora loquacidade servida e floreada pelo vivo e pitoresco dialeto gauchesco. (LOPES NETO, 1976, p. 4)

Por conseguinte, como apresentado por MURARI (2010) o principal objetivo da literatura regionalista gaúcha é estabelecer um “check-list” identitário, a ser seguido, basicamente uma norma de costumes, vestimenta, dialeto e emocional como visto no excerto acima, ao descrever o “genuíno tipo” ideal com uma série de características. Essa estrutura compõe o texto em sua totalidade, logo, todo e qualquer povo da região que desafiava essa convenção surgia como um movimento aberrante, como por exemplo, os trabalhadores do campesinato gaúcho que sofreram com a Lei de Terras de 1850 por conta da necessidade de compra e regulação documental da posse, viram-se excluídos de suas antigas terras e marginalizados, fazendo-os insurgir como aberrante, por conta de sua outra maneira de se relacionar-se com o campo.

De tal maneira que, essa análise permite pensar os movimentos aberrantes como uma linha de fuga a identidade gaúcha, estabelecida principalmente pela literatura regionalista e que controlam o processo de subjetivação de povos campestres, não há outra métrica representativa a não ser a do gaúcho, ignora-se outras multiplicidades de lidar com a terra, com os animais, com suas próprias emoções, vestes, costumes e dialetos. Por conta disso, nos propomos pesquisar/criar na literatura regionalista um personagem conceito como Macunaíma. Seu heroísmo não tem caráter, é múltiplo e permite essa relação com outras produções de singularidade constituindo assim, uma identidade aberrante.

Portanto, é necessário pensar a possibilidade de um “Macunaíma” como personagem conceito que viabiliza uma constituição subjetiva rizomática de multiplicidades para a literatura regionalista, permitindo assim desmembrar o ser gaúcho, repensando assim outros costumes, tradições, comportamentos relacionais e com a própria terra, com esta, as considerações sobre uma relação mais nômade, de cuidado, fugindo de uma lógica exploratória é de extrema importância para o cenário político e ambiental contemporâneo. A ideia é que ainda no decorrer desse ano, possamos adentrar nos clássicos de Érico Veríssimo, especialmente Ana Terra e outras obras a serem triadas pelo grupo.

4. CONCLUSÕES

Considerando as narrativas expostas, entende-se que, a partir da lei de terras de 1850, há uma sistemática exclusão do acesso à terra das populações marginalizadas (BENTO, 2022). Entretanto, emerge uma figura aberrante, cuja relação com a terra não se define somente pela posse ou falta dela. Trata-se de um personagem filosófico, nômade, transcultural e com relações diferentes com a terra. Mário de Andrade retrata esse personagem brilhantemente, e desperta a curiosidade do estudo dessas figuras também no campesinato gaúcho, radicalmente afetado pelas políticas de branqueamento que resultaram na

escravização da população negra e da imigração como política de Estado para melhorar a imagem brasileira no exterior. Além disso, desde as capitanias hereditárias, se forja um tipo campesino que está invisibilizado por guerras, disputas e dominação colonial.

Estas figuras aberrantes possibilitam uma investigação futura sobre os processos de subjetivação da população campesina gaúcha marginalizada, excluída pela Lei de Terras, não somente por fontes históricas, mas também por referências literárias, considerando-as como produtoras de referência identitária dentro de movimento literário regionalista, com o objetivo de compreender a genealogia do movimento aberrante gaúcho como um todo e sua influência no movimento sem terra (MST) e outros movimentos sem terra não formalizados. Também fica a necessidade de estudar as populações indígenas e quilombolas que contribuíram significativamente para entendermos as formas aberrantes de ocupação da terra e, especialmente, os excluídos da terra.

Ressalta-se que é uma pesquisa em sua etapa inicial, onde os resultados encontram pistas dessas subjetividades aberrantes para futuras produções acadêmicas nessa direção.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, M. **Macunaíma**: O herói sem nenhum caráter. Rapsódia. São Paulo, SP: Editora Cupolo, 1928.

BENTO, Cida. **O Pacto da Branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022

LAPOUJADE, D. **Deleuze, os movimentos aberrantes**. Tradução: Laymert Garcia dos Santos. São Paulo: n-1 edições, 2015.

MARTINS, Cláudia Mentz. **As metamorfoses em Macunaíma:(re) formulação da identidade nacional**. Nau literária. Porto Alegre, RS. Vol. 2, n. 1 (jan./jun. 2006), p. 1-14, 2006.

MELO, Alfredo Cesar. **Macunaíma: entre a crítica e o elogio à transculturação**. Hispanic Review, p. 205-227, 2010.

MURARI, Luciana. **A construção da identidade social na literatura regionalista: o caso sul-rio-grandense**. Anos 90, v. 17, n. 32, p. 159-183, 2010.

NETO, Simões Lopes. **Contos gauchescos**. Artes e Ofícios Editora, 2018.

ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis: Editora Vozes, 1986.